

Dez anos de transgênicos no Brasil: uma análise de conteúdo de reportagens veiculadas nos programas “Caminhos da Reportagem” da TV Brasil e “Matéria de Capa” da TV cultura¹

Priscila Rose Junges²
Cláudia Herte de Moraes³

Resumo: Este artigo analisa duas reportagens especiais, que tratam sobre os dez anos de transgênicos no Brasil. Elas foram veiculadas nos programas “Caminhos da Reportagem” da TV Brasil e “Matéria de Capa” da TV Cultura. A metodologia usada é a análise de conteúdo por meio da separação de frases que formam argumentos/informações completos. Os principais resultados deste estudo são a predominância de argumentos econômicos nas duas reportagens. Também foram encontradas muitas frases favoráveis aos transgênicos na matéria da TV cultura, enquanto a TV Brasil apresentou essas informações de forma mais equilibrada.

Palavras-Chave: Transgênicos; análise de conteúdo; reportagens especiais; jornalismo ambiental.

1. Considerações iniciais

De acordo com as Comunidades Europeias citadas por Alves (2009, pg.15) transgênicos⁴ “são organismos que tiveram seu material genético modificado”. Isso é possível através das técnicas da biotecnologia que permite a transferência de um gene isolado de um organismo para outro, ou entre espécies diferentes. Vamos citar um exemplo que está sendo estudado na Embrapa. Esta empresa está desenvolvendo maneiras de controlar um inseto chamado broca gigante, que está atacando a cana de açúcar. Uma das estratégias que está sendo analisada é adicionar, no alimento, genes de uma bactéria que são contrários a essa praga. Para deixar essa definição mais clara, a Greenpeace (2015) explica que um cruzamento transgênico jamais aconteceria naturalmente. Assim, de acordo com a Embrapa é necessário que os cientistas controlem as alterações e depois estudem “a fundo se o produto final é equivalente ao produto não modificado”.

1 Este artigo é resultado do TCC.

2 Universidade Federal de Santa Maria, aluna de graduação, pry.rose@hotmail.com

3 Universidade Federal de Santa Maria, orientadora, chmoraes@gmail.com

4 Também pode ser utilizada a abreviação de organismos geneticamente modificados (OGM).



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Segundo a Embrapa (2015), a biotecnologia é um ramo da ciência que aplica os conhecimentos da engenharia genética para gerar novos produtos na agricultura, na indústria ou na medicina. Dessa forma, as plantas geneticamente modificadas que são popularmente conhecidas como plantas transgênicas é o principal resultado da biotecnologia na agricultura. Esse momento é interessante para debater os transgênicos, porque nosso país tem uma experiência com a aplicação dessa tecnologia. Segundo a Embrapa (2015) “os Estados Unidos lideram o plantio, seguido pelo Brasil e Argentina. Entre os OGMs vegetais estão a soja, milho, algodão e a canola”.

Uma área do jornalismo que estuda os transgênicos é o jornalismo ambiental. Segundo Girardi, Massierer, Schwaab (2006), falar sobre esse tipo de jornalismo é uma tarefa desafiadora por apresentar questões de caráter múltiplo e contraditório. Para os autores essa é uma explicação para a mídia ter produzido um conteúdo muito banalizado sobre as questões ambientais ao longo do tempo, fazendo com que o cidadão comum fique apenas com informações superficiais sobre os temas abordados.

Neste artigo fazemos uma análise de conteúdo comparando duas reportagens especiais, para contar as ocorrências dos tipos de fontes, os argumentos pertencentes as categorias da legislação, história, saúde, economia, política, ciência e da ciência tecnológica. Depois dessa separação contamos o número de argumentos contrários, favoráveis e neutros. Uma dessas matérias foi exibida no programa “Matéria de Capa”, da TV Cultura, e a outra foi transmitida no produto midiático “Caminhos da Reportagem”, da TV Brasil. Essas duas matérias foram ao ar em 2013.

Procurando relacionar toda a parte teórica deste trabalho científico, buscamos mais informações sobre as televisões que serão analisadas. O site da TV Brasil (2015) informa que ela foi criada em dezembro de 2007 e seu objetivo é oferecer conteúdo informativo, científico, artístico, cultural e formador da cidadania. Essa TV pública se reconhece como independente e democrática. O site da TV cultura (2015) comunica que ela foi criada em 1967 e afirma que possui autonomia intelectual, administrativa e política. A emissora de sinal aberto se reconhece como educativa e revela que seus objetivos são oferecer informação de interesse público educando os ouvintes e telespectadores com o objetivo de transformar a sociedade brasileira.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

2. Transgênicos

O Brasil é o segundo maior produtor de alimentos geneticamente modificados segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor IDEC (2011). Os transgênicos são debatidos em muitas áreas. Gilles-Eric Séralini, doutor em Bioquímica pela Universidade de Montpellier II da França, indica quais são os campos onde são feitas as pesquisas deste ramo da biotecnologia.

Os poderes técnicos, científicos, médicos, sociais, jurídicos, militares, econômicos e políticos são todos, em um momento ou outro, inclinados para que a genética os utilize a seu modo. Atualmente, focam-se diretamente sobre os genes. O balanço provisório é inquietante. (SÉRALINI, 2011, p. 33)

Séralini (2011) conta como vão as pesquisas da ciência genética nessas diferentes áreas. Conforme o autor, o poder militar tem a sua disposição a engenharia genética para desenvolver armas biológicas que são mais baratas que as armas nucleares, pois os genes destas são mais fáceis de serem manipulados e, além disso, são capazes de se reproduzir.

Séralini (2011) continua explicando o que está sendo feito e pode ser realizado nas diferentes áreas que mencionou. Ele diz que os poderes econômicos se tornaram proprietários privados dos genes e toda a aplicação dessa pesquisa será feita na agricultura, nos animais de criação e na farmácia. O autor diz que “as empresas, pela primeira vez, tornam-se donas de direitos de reprodução de organismos vivos”. Segundo ele, os poderes políticos estão subordinados aos interesses econômicos e assim “autorizam a disseminação” dos transgênicos no meio ambiente e, além disso, eles são “responsáveis pelo maior ou menor rigor nos controles”. (p. 34)

Como veremos a seguir, os transgênicos fazem parte do debate do jornalismo ambiental e segundo Bueno (2007) eles ficam dentro do debate sobre as condições de produção de alimentos.

3. Jornalismo ambiental

Wilson da Costa Bueno (2007) define jornalismo ambiental como um processo de várias fases que envolve a captação, a produção, e a edição de informações comprometidas com os temas do meio ambiente. Para entender isso, Bueno explica que o meio ambiente tem uma totalidade de relações complexas que permite a criação e a manutenção da vida, dessa forma, ele não deve ser

entendido apenas como um meio físico ou biológico (solo, ar, água) sem considerar as manifestações políticas e econômicas que garantem a sobrevivência da humanidade. O autor cita os diferentes temas que estão relacionados a esse assunto.

A Comunicação Ambiental e o Jornalismo Ambiental incluem um conjunto bastante diversificado de temas, dentre os quais podemos listar: o desenvolvimento e a proteção da fauna e da flora; a diversidade biológica ou biodiversidade; a poluição em suas várias formas (atmosférica, visual, sonora, etc.); as mudanças climáticas; as condições da água e do solo; o consumo consciente; a sociodiversidade, que prevê a relação do homem com o seu entorno; os resíduos domésticos e o lixo industrial; as condições de produção de alimentos (a agroecologia, os transgênicos e os aditivos alimentares, por exemplo); (...) e assim por diante. (BUENO, 2007, p. 3)

Um dos principais critérios para um assunto ser notícia é o quanto ele é atual e de validade urgente. Quando uma reportagem tem essas características, dificilmente será ignorada. Segundo Kolling e Maciel (2008, P. 463), os acontecimentos ambientais com repercussão imediata são notícias quentes, enquanto um assunto como o aquecimento global que vai agravando em longo prazo não interessa para a mídia. O autor também cita o uso de semente transgênica, como outro exemplo, dizendo que esse assunto “somente é abordado pela sua repercussão, hoje, na economia e no meio ambiente, porém suas consequências futuras não são destacadas”.

É possível trazer argumentos diferentes para que as reportagens não sejam apenas repetições umas das outras em programas noticiosos diferentes. Isso é o que diz Carvalho et al. (2010). Eles sugerem que os temas abordados não precisam ser inéditos para ser possível obter uma boa reportagem. Para eles, é importante que seja dado um olhar novo sobre o fato, e isso não é trazer assuntos que nunca foram tratados, mas mostrá-los de uma forma diferente.

Sobre a predominância de argumentos econômicos em reportagens Gouyon (2011, p. 66) afirma que a biodiversidade é um problema ético e não pode ser pensado apenas pelo lado da economia. Ele explica dizendo que “um estudo econômico pode provar que um prisioneiro custa mais caro vivo do que morto” e assim justificar a pena de morte como algo bom. Independente do resultado “permaneço profundamente contrário a pena de morte” afirma o autor. Gouyon demonstra uma preocupação de que quando a biodiversidade é vista demasiadamente por meio do viés econômico “corremos o risco de ver protegida apenas a biodiversidade rentável, em detrimento de toda aquela não rentável”.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Primavesi (2004 p. 177), pesquisador científico da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), acredita que há um conflito de interesses entre o agronegócio e o meio ambiente. Enquanto o primeiro é comandado por produtores que querem aumentar sua renda o segundo precisa ter um equilíbrio. Sem contar a Amazônia, ele diz que a agricultura ocupa 70% do território nacional. Por um lado ela traz lucro para o país exportando mercadorias “sem valor agregado”, e ao mesmo tempo vai deixando para trás áreas devastadas, pressionando a vegetação natural para ocupá-la.

Esse mesmo autor diz que a vegetação natural tem um ciclo perfeito que está cada vez mais sendo destruído. Ele prevê duras consequências para um futuro bem próximo se a humanidade não adotar uma vida em harmonia com o meio ambiente.

Se esses sonhos forem miseravelmente queimados e lançados para o espaço nos próximos 30 anos (sim estamos falando de apenas 30 anos!), restará um inferno mais terrível que o imaginado por Dante. A transgressão das leis da natureza, por desconhecimento, não poderá ser aceita como desculpa, pois alcançará as pessoas do campo e, com muito mais intensidade, as pessoas que se refugiam em cidades e pensam estar salvas com o auxílio da tecnologia. (De que adiantam condicionadores de ar, em dias quentes, sem energia elétrica, por causa da falta de água nas represas?) (PRIMAVESI, 2004, p. 178 e 179)

Odo Primavesi é formado em agronomia e escreveu um texto para jornalistas em 2004. Nesse ano, ele falou que depois de trinta anos já teríamos um inferno na terra. Já passaram 11 anos. Estamos em 2015 e ainda temos 19 anos para essa previsão... Pouquíssimo tempo. Tudo isso indica que as questões ambientais são urgentes. Depois da abordagem dos transgênicos e do jornalismo ambiental, será apresentada a definição de reportagem especial. Lage (2006, p. 112) diz que a reportagem é um formato que está incluído na categoria de “informação jornalística”.

4. Reportagens especiais na televisão

O jornalismo da televisão permite aos telespectadores ver as imagens e escutar as narrações das histórias contadas. Por possuir essas duas características ele se torna bastante atrativo. Segundo Carvalho et al. (2010 p. 27), para a produção desse trabalho ser possível, são necessários muitos profissionais, porque em televisão tudo é feito em equipe. Esses autores acreditam que por um lado isso é ruim, “porque as vezes o profissional perde a referência do todo; mas, por outro, é bom, porque o resultado final é a junção de formas diferentes de olhar o fato”.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Carvalho et al. (2010) contam que até o final da década de 1990, o jornalismo especializado estava um pouco esquecido, por causa do custo, da falta de profissionais e porque havia uma crença de que o algo a mais não era tão necessário. Desde o início dos anos 2000, é difícil que uma emissora de canal aberto não exiba uma reportagem especial em uma semana. “Elas podem ser vistas em programas de grandes reportagens, que a maior parte das emissoras tem (Globo Repórter, SBT Repórter, Repórter Record, por exemplo), e também nos telejornais diários.” (Carvalho et al., 2010, p. 22)

Os autores argumentam que não é somente a audiência que deve ser considerada na hora de escolher os temas das reportagens, porque se apenas isso fosse importante, bastaria uma pesquisa de opinião para levantar esses dados. Portanto, segundo Carvalho et al. (2010, p. 23 e 24) é necessário que os assuntos abordados provoquem novos questionamentos nas pessoas. Eles dizem que a disputa por audiência faz parte do negócio, “encoraja a concorrência” e pode trazer “produções melhores”.

Lage (2006, p. 112) diz que a reportagem é um formato que está incluído na categoria de “informação jornalística”. Dessa forma, ele resgata a definição da palavra. Segundo ele a “informação” é um “relato consistente, envolvendo a análise”.

A informação jornalística é o espaço privilegiado da reportagem especializada. Uma peculiaridade dela é destinar-se a públicos mais ou menos heterogêneos. A máxima da heterogeneidade obtém-se na audiência presumível de uma emissora de televisão em circuito aberto (audiência de massa) e a mínima heterogeneidade possível em jornalismo encontra-se entre os leitores de magazines ou sítios de internet destinados a aficionados de uma atividade prática ou conhecimento – sobre engenharia naval ou surfe, por exemplo. É claro que, quanto mais específico o público, mais se pode particularizar a linguagem. Há uma relação entre interesse jornalístico e abrangência de público para uma informação. Quanto maior o interesse jornalístico, maior a abrangência do público a que a informação se possa destinar. Já a comunidade envolvida na especialidade será motivada não tanto pelo aspecto jornalístico de uma informação, mas por suas implicações puramente técnicas. (LAGE, 2006, p. 113)

Lage (2006, p.114) cita as características dessa categoria que ele chama de “informação jornalística”. Segundo ele, “a informação trata de um assunto, determinado ou não por um fato gerador de interesse”. O autor acredita que a categoria “informação” é desenvolvida da “intenção de uma visão jornalística dos fatos”. Lage diz que a informação tem um tratamento profundo de um assunto, ela é extensa, complexa e “rica na trama de relações entre os universos de dados”. Sobre o

tempo de valor da categoria, o autor diz que a informação depende da situação momentânea do campo de conhecimento sobre o qual ela fala.

4.1 Tipos de fontes

Lage (2006, p. 50) define o que são fontes. Segundo ele os jornalistas nem sempre escrevem sobre apenas o que é observado. A maior parte de suas matérias “contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”. Estes são o que se chama de fonte, completa o autor.

Lage (2006) classifica os tipos de fontes em: oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; Testemunhas e experts. O autor também trás a definição de jornalista como fonte que não será definido neste artigo porque este tipo não foi encontrado nas reportagens analisadas.

Segundo ele, as “fontes oficiais são mantidas pelo estado; por instituições que preservam algum poder de estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc.” Lage (2006, p.63). O autor cita o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como um exemplo deste tipo de fonte.

Para Lage (2006, p. 63) “as fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido”. Segundo o autor essas fontes ficam no anonimato porque geralmente expressam interesses particulares de dentro de uma instituição e podem ser importantes para divulgarem “manobras”. Entretanto como elas não são identificadas podem veicular boatos, completa ele.

Lage (2006, p. 64 e 65) define as fontes independentes dizendo que elas “são desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico”. Ele destaca que aqui no Brasil elas são chamadas de Organizações não governamentais (ONGs) e nos EUA de sem fins lucrativos. O autor revela que mesmo tendo esse nome, são financiadas por grupos econômicos e também pelo governo. Lage diz que os “funcionários de organizações não governamentais são militantes treinados para ostentar fé

cega naquilo que defendem”, dessa forma é melhor desconfiar das informações fornecidas. O autor também define as fontes primárias e secundárias.

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas ou contextos ambientais. (...) Por exemplo, o plantio de cafezais nos terrenos montanhosos de uma região, com inclinação. (...) As fontes primárias serão, naturalmente, os plantadores e seus agrônomos de campo. (...) fontes secundárias, que podem ser funcionários de instituições de pesquisa agropecuária e apoio à agricultura, ou, eventualmente, economistas ou geógrafos. (Lage, 2006, p. 66)

Para Lage (2006, p. 66 e 67) “o testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva” e isso influencia no seu relato. O autor cita um exemplo de fontes testemunha falando das disputas entre Israel e Palestina dizendo que “haverá diferenças cruciais entre o relato de conflitos na Palestina feitos por um judeu ortodoxo e por um militante muçulmano, por mais honestos que ambos sejam”.

Lage (2006, p. 67 e 68) define os experts em alguns casos como fontes secundárias. Segundo o autor, eles são procurados “em busca de versões e interpretações de eventos”. O autor diz que algumas dessas fontes têm treinamentos para passar o conteúdo de uma forma simples para outras pessoas. Um exemplo disso são “os professores universitários que trabalham com os anos iniciais de graduação”. Lage afirma que é muito importante ouvir mais de um especialista e variar essas pessoas.

Desta forma, entende-se que os produtos analisados neste artigo respondem ao formato de reportagem especial em televisão. Esta escolha se deu para a partir da ideia da complexidade do tema transgênicos, que traria dificuldades para uma abordagem numa reportagem normal, que tem duração de exibição menor. As reportagens são o objeto da Análise de Conteúdo (AC), que detalhamos a seguir.

5. Procedimentos metodológicos

Este artigo analisa e compara as reportagens sobre os 10 anos de transgênicos no Brasil veiculados pelos programas “Matéria de Capa da TV Cultura” e “Caminhos da Reportagem da TV



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Brasil”. Essas matérias têm respectivamente e aproximadamente 29 e 52 min. Elas foram obtidas dos canais “Matéria de capa” e “TV Brasil” dessas TVs no YouTube.

Neste artigo, o objetivo geral foi compreender como o assunto “dez anos de transgênicos no Brasil” foi abordado pelo jornalismo, comparando duas reportagens especiais de televisão. Os objetivos específicos foram identificar fontes utilizadas, categorias de argumentação/informação e posicionamentos (favorável, neutro ou contrário). Com base neste levantamento, apontar semelhanças e diferenças na abordagem das reportagens.

A metodologia desse artigo é a análise de conteúdo. Segundo Lozano citado por Junior (2006) essa análise é sistemática porque o mesmo procedimento é aplicado da mesma forma em todo o conteúdo estudado. Assim ela é confiável ou objetiva porque diferentes pessoas podem chegar ao mesmo resultado se aplicar a mesma metodologia.

Segundo Herscovitz (2008, p.134) a análise de conteúdo é obtida “ao analisarmos a frequência com que situações, pessoas e lugares aparecem na mídia podemos comparar o conteúdo publicado ou transmitido com dados de referência.”

Depois da formulação desta análise muitos autores aparecem apontando os problemas dela e sugerindo maneiras de conseguir um resultado mais próximo da realidade. Um desses autores é Babbie citado pela autora Herscovitz que diz que é necessário que o pesquisador não esteja apenas buscando as coisas visíveis da análise, mas também o conteúdo implícito que ela apresenta, ou seja, a análise qualitativa e quantitativa. O conteúdo implícito é aquele que não é dito pelas palavras, mas que pode ser reconhecido quando o contexto do que é dito for observado.

Herscovitz (2008, p. 126) explica como deve ser feita a análise qualitativa e quantitativa. Segundo ela a quantitativa é a “contagem de frequência do conteúdo manifesto” e a qualitativa é a “avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral do texto, do contexto onde aparece dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina”. Junior (2006 p. 288) chama essa análise qualitativa de inferência e diz que “a tarefa de toda análise de conteúdo consiste em relacionar os dados obtidos com alguns aspectos de seu contexto”.

Para analisar um produto midiático é preciso escolher uma forma de codificação. Neste artigo é usada a codificação por frases. Segundo Herscovitz (2008 p. 134) este tipo de análise

favorece uma identificação de palavras com “referências positivas, negativas ou neutras em relação a um tema”.

Seguindo essas contribuições teóricas elaboramos o passo a passo da metodologia que foi aplicada neste artigo. Para que este estudo apresentasse características qualitativas, todo o texto transcrito das reportagens foi separado em frases que formaram um argumento/informação completo. A análise quantitativa foi feita por meio da contagem dessas informações.

1º passo	Foi feita a transcrição completa das reportagens analisadas.
2º passo	Todos os passos seguintes foram organizados em tabelas.
3º passo	Foram identificados os tipos de fontes que apareceram pessoalmente no vídeo, seguindo as definições de fontes de Nilson Lage. As fontes citadas pelos apresentadores foram desconsideradas.
4º passo	Foram identificadas as frases dentro de um argumento/informação completo dos textos transcritos. Isso foi feito para não quebrar a construção total dos argumentos e para a análise adquirir características qualitativas como mencionam os autores.
5º passo	Foram apontadas as categorias que pertenciam os argumentos e as informações das frases separadas. Elas são: legislação, história, saúde, economia, política, ciência e ciência e tecnologia.
6º passo	Apareceram algumas frases que formavam argumentos que não poderiam ser apontadas como pertencentes às categorias citadas acima. Elas foram excluídas da análise.
7º passo	Foram identificadas as frases que formam argumentos neutros, contrários e favoráveis aos transgênicos.
8º passo	Foi feita a análise quantitativa, contando o número de fontes, a quantidade de cada tipo de fonte, quantos argumentos/informações pertenciam a cada categoria e por último o total de argumentos contrários, favoráveis e neutros.

Tabela 1: Passos da metodologia

Fonte: Elaboração da autora.

As transcrições e as tabelas foram feitas em um editor de textos. Todas as informações obtidas com esse estudo aparecerão detalhadamente a seguir. É importante deixar claro que as falas do apresentador do programa “Caminhos da reportagem” foram desconsideradas para esta análise. Ao mesmo tempo, as falas do apresentador do programa “Matéria de Capa” estão na análise. Elas não puderam ser eliminadas porque a maior parte do texto dessa reportagem é narrada pelos apresentadores. Se essa parte fosse retirada, apareceriam apenas duas fontes. Delas seria analisado



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



apenas suas pequenas declarações em uma matéria de 29:04 min. Em anexos é possível encontrar exemplos de como a metodologia foi aplicada.

6. Resultados e discussões

Neste tópico apresentamos, analisamos e interpretamos os resultados da pesquisa. Para discutirmos essas informações traremos contribuições de alguns autores que estudam jornalismo ambiental e demonstram em seus trabalhos científicos como é a abordagem de fontes e das categorias da: economia, política, ciência, legislação, história, saúde, do meio ambiente e os argumentos científicos tecnológicos.

Segundo a classificação de Carvalho et al. (2010) os programas “Caminhos da Reportagem”, da TV Brasil, e “Matéria de Capa”, da TV cultura, podem ser classificados como reportagens especiais.

6.1 Número e tipos de fontes analisadas

O número fontes ouvidas é apontado por autores do jornalismo ambiental como (Girardi, Massierer, Loose E Schwaab, 2012, P.138). Estes autores citam Bacchetta que destaca que o jornalismo ambiental vai além do jornalismo científico “porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões”. Segundo Bacheta a visão sistêmica deve ser valorizada porque ela valoriza o todo das partes, sem separá-las. Girardi, et al. (2012) também citam Morin (2003) que chama essa visão sistêmica de um pensamento radical, multidimensional, organizador e ecologizado e para ser alcançado precisa do número de fontes, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada e plural. Segundo Girardi et al. (2012, P.138) a “cobertura de temas do meio ambiente” é baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada”.

Para analisar as reportagens foram consideradas apenas os tipos de fontes descritos por Nilson Lage que foram citados anteriormente. Segundo (Girardi et al. 2012). a complexidade dos temas ambientais acabam sendo ignorados. Eles demonstram que é comum encontrar estudos que tem predominância de fontes oficiais pertencentes ao campo econômico e político.

A complexidade inerente ao tema acabava negligenciada. Em análise do mesmo espaço, porém, enfocando o tema da sustentabilidade, Girardi, Pedroso e Baumont (2011) observaram a não diversificação das vozes, revelando um jornalismo essencialmente refém das fontes oficiais, especialmente dos campos econômico e político, além do tom fragmentário, constatação que também aparece em outras pesquisas consultadas. (GIRARDI et al. 2012, p. 143)

Considerando as contribuições desses autores, foi contado o número total de fontes de cada uma das reportagens analisadas. Depois disso, foi contado o número de cada tipo de fonte citadas por Lage (2006). Todas essas informações foram agrupadas nas tabelas 2 e 3.

<i>Reportagens especializadas</i>	<i>Total de 2 fontes</i>
Matéria de Capa	<i>Fonte primária</i> (1) Gustavo. <i>Fonte especializada</i> (1) Walter Colli Professor- Inst. Química/ USP.

Tabela 2: As fontes da reportagem do programa “Matéria de Capa”.

Fonte: Elaboração da autora.

Observando a tabela 2, podemos avaliar que a reportagem do programa Matéria de capa tem apenas 2 fontes e é uma matéria de 29.04 min, ou seja, tem quase meia hora de duração. Isso demonstra que ela ficou distante do ideal proposto pelos autores (Girardi et al. 2012). Sobre os tipos de fontes, podemos avaliar que a reportagem do programa Matéria de Capa apresentou apenas uma primária e uma especializada. Esta reportagem tem muitas afirmações sem fontes, onde aparece apenas uma sequencia de informações ditas pelo apresentador do programa.

<i>Reportagens especializadas</i>	<i>Total de 27 fontes</i>
Caminhos da Reportagem	<p><i>Fontes oficiais (8):</i> Alexandre Borges; Karen Friedrich; Luiz Artur Saraiva; Leonardo Melgarejo; Anselmo Henrique Cordeiro Lopes; Mario Van Zuben; Flávio Finardi Filho; Maria Regina Branquinho,</p> <p><i>Fonte especializada (4)</i> Paulo Bracker; Margareth Capurro; Michele Pedrosa; Daniela vieira;</p> <p><i>Fonte secundária (4)</i> Adilson Gonçalves de Campos; Cleiton Speckling; Francisco Aragão; João Carlos Jacobsen</p> <p><i>Testemunha (4)</i> Tereza Ciudrowski; Clara Pereira da Silva; Luis Henrique Coffy Pires; Enilson soares de Almeida</p> <p><i>Fonte primária (7)</i> José Romário dos Santos; Tiago Sartori; Nilfo Wandscheer; José Dênis França; Moacir Boldrini; Almir Rabelo; Mariano</p>

Tabela 3: As fontes da reportagem do programa “Caminhos da Reportagem”.

Fonte: Elaboração da autora.

Observando a tabela 3, é possível verificar que a reportagem do programa Caminhos da Reportagem tem 27 fontes. Com este dado podemos afirmar que ela está mais próxima da proposta dos autores (Girardi et al. 2012). Considerando os tipos de fontes percebemos que 8 delas são oficiais, ou seja, nesta matéria também predomina este tipo de fonte, assim como afirmam os autores (Girardi et al.2012) sobre suas avaliações dos estudos de jornalismo ambiental. Entretanto pode-se dizer que ela está equilibrada porque logo depois há 7 fontes primárias.

6.3 Argumentos e campos de estudo

Foi contado o número de argumentos/informações pertencentes as categorias da economia, política, ciência, legislação, história, ambiente, saúde e da ciência e tecnologia, porque os transgênicos são debatidos em todas essas áreas. Segundo Bueno (2007, p. 5) a cobertura ambiental tem sido focada em argumentos econômicos, científicos e políticos. Girardi, et al., falam sobre a predominância de argumentos econômicos nas coberturas jornalísticas ambientais.

A mistura traz, como motor, um fator de mercado. A questão econômica tem sido apontada por diferentes trabalhos como um dos elementos que mais influenciam a cobertura ambiental. Em detrimento de um bem-estar coletivo está o predomínio da racionalidade economicista, fundamentada no elogio da produtividade e da eficiência como parâmetros globais. (GIRARDI et al. 2012, p. 143 e 144)

Partindo dessas informações, foram identificadas as categorias que os argumentos/informações das reportagens pertencem. Depois disso, elas foram contados e estão nas tabelas 4 e 5.

<i>Reportagem especial</i>	<i>Quantas vezes aparecem as categorias dos argumento/informação</i>
Matéria de Capa	Científico 7 Científico tecnológico 10 Econômico 32 Histórico 2 Saúde 16 Ambiental 14 Político 5 Legislação 2

Tabela 4: As categorias dos argumento/informação da reportagem do programa “Matéria de Capa”.

Fonte: Elaboração da autora.

Observando a tabela 4, podemos avaliar que na reportagem do programa Matéria de Capa predomina os argumentos econômicos como dizem (Girardi et al. 2012). Logo depois temos os argumentos de saúde e depois ambiental.

<i>Reportagem especial</i>	<i>Quantas vezes aparecem as categorias dos argumento/informação</i>
Caminhos da Reportagem	Econômico --- 31 Político --- 11 Científico – 16 Legislação – 8 Histórico – 11 Ambiental – 20 Saúde – 7 Científico tecnológico – 7

Tabela 5: As categorias dos argumento/informação da reportagem do programa “Caminhos da Reportagem”.

Fonte: Elaboração da autora.

Observando a tabela 5, podemos avaliar que na reportagem do programa Caminhos da Reportagem também predomina os argumentos econômicos assim como os estudos dos autores (Girardi et al. 2012). Logo depois vêm os argumentos ambientais e depois científicos. Nesta reportagem aparece 2 categorias de estudo (econômico e científico) que Bueno apontou como as três categorias que mais aparecem em reportagens ambientais.

6.3 Argumentos contrários, favoráveis e neutros

Por mais que o Brasil já tenha aproximadamente 10 anos de transgênicos, ainda há quem seja favorável, neutro e ou contrário a eles. Assim, para obter mais detalhes sobre as reportagens, os números dessas ocorrências foram contados. Essas informações estão presentes nas tabelas 6 e 7.

<i>Reportagens especializadas</i>	<i>Argumentos contrários favoráveis neutros</i>
Matéria de Capa	Favorável aos transgênicos 34 Contrário 8 Neutro 46

Tabela 6: *Argumentos contrários, favoráveis e neutros* do programa “Matéria de Capa”.

Fonte: Elaboração da autora.

Observando a tabela 6, podemos avaliar que na reportagem do programa Matéria de Capa predomina argumentos neutros com 46 e logo depois há 34 argumentos favoráveis aos transgênicos e apenas 8 contrários. Pode-se dizer que a matéria está favorável aos transgênicos.

<i>Reportagens especializadas</i>	<i>Argumentos contrários favoráveis neutros</i>
Caminhos da Reportagem	Contrário 31 Favoráveis 35 Neutros 45

Tabela 7: *Argumentos contrários, favoráveis e neutros* do programa “Caminhos da Reportagem”.

Fonte: Elaboração da autora.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

Observando a tabela 7, podemos avaliar que na reportagem do programa Caminhos da Reportagem predomina argumentos neutros com 45 e logo depois há 31 argumentos contrários aos transgênicos e 35 favoráveis. Mesmo tendo uma diferença de 4, pode-se dizer que a matéria está equilibrada.

6.4 Comparações das reportagens

Semelhanças

As matérias possuem poucas semelhanças. Ambas são reportagens de televisão pública e estão no formato audiovisual, falam sobre transgênicos. Esse tema é uma das áreas do jornalismo ambiental. A maior parte dos argumentos/informações das duas reportagens são pertencentes a categoria da economia.

Diferenças

Em primeiro lugar devemos considerar o tempo das reportagens. A reportagem do programa Caminhos da Reportagem possui 23: 25 min. a mais que a reportagem do programa Matéria de Capa. A reportagem do programa “Matéria de Capa” tem apenas duas fontes, entretanto possui mais do dobro de argumentos de saúde que a do programa “Caminhos da Reportagem”. Enquanto a matéria do programa “Caminhos da Reportagem” possui um número mais equilibrado entre argumentos favoráveis e contrários, na reportagem do programa “Matéria de Capa” tem apenas 8 contrários e 34 favoráveis.

7. Considerações finais

Neste artigo foram analisadas duas reportagens sobre os 10 anos de transgênicos no Brasil veiculadas nos programas de televisão pública da TV Brasil e TV Cultura e mesmo assim revelou uma predominância de argumentos pertencentes ao campo econômico (As duas reportagens apresentam mais de 30 argumentos). Esse é o principal resultado deste estudo.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



O número de fontes oficiais também é maior que a presença de outras fontes. Na reportagem do programa “Caminhos da Reportagem”. Ela apresenta 8 argumentos com esse tipo de fonte. Mesmo assim, essa matéria está equilibrada porque logo depois vêm as fontes primárias com 7 argumentos. No programa “Matéria de Capa” esse tipo de fonte nem aparece, porque só há 2 fontes, uma especializada e outra primária.

A maior parte dos argumentos das duas matérias são favoráveis aos transgênicos. A reportagem do programa Matéria de Capa chega ter aproximadamente 4 vezes mais argumentos favoráveis que contrários. O programa caminhos da reportagem está mais equilibrado, porque apresenta 4 argumentos favorável a mais que os contrários.

Este artigo permitiu compreender como o assunto “dez anos de transgênicos no Brasil” foi abordado pelo jornalismo, comparando duas reportagens especiais de televisão. Os resultados deste artigo e também as fontes demonstram que os assuntos ambientais são temas que deveriam apresentar diversos lados e que todas essas questões exigem urgência na realização de algumas ações. O que cabe ao jornalismo é apresentar o máximo de lados possíveis e equilibrar os argumentos contrários e favoráveis para não apresentar reportagens comprovadamente tendenciosas.

Referências

ALVES, Maria Cristina Ferraz. **A regulamentação internacional dos transgênicos: contradições e perspectivas.** Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2135/tde-03062011-093447/pt-br.php>. Acesso em: 09/07/2015.

CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fabio; BRUNIERA, Thiago; UTSCHE, Sérgio. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar.** 1. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2010.

EMBRAPA. **Os benefícios da biotecnologia para a sua qualidade de vida:** A Biotecnologia está muito mais próxima do seu dia a dia do que você imagina! Disponível em: <https://www.embrapa.br/recursos-geneticos-e-biotecnologia/sala-de-imprensa/se-liga-na-ciencia/a-biotecnologia-e-voce>. Acesso em: 09/07/2015.

GIRARDI, Ilza Tourino; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade.** Disponível em: <http://www.jornalismoambiental.org.br/portal/wp-content/uploads/2011/09/Pensando-o-Jornalismo-Ambiental-na-%C3%B3tica-da-Sustentabilidade.pdf> Acesso em: 24 de Nov. 2014.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges ; MASSIERER, Carine ; LOOSE, Eloisa Beling. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAA&url=https%3A%2F%2Fwww.metodista.br%2Frevistas%2Frevistas-ims%2Findex.php%2FCSO%2Farticle%2Fdownload%2F2972%2F3136&ei=aVCDVfHcEvLjsASF_IDgCg&usq=AFQjCNGFHeGr71-fnN6rPQ1ZqAXX_r7YDA&bvm=bv.96042044,d.cWc.

Acesso em: 18/06/2015

GOUYON, Pierre-Henri. O mito do progresso. In: ZANONI, Magda; FERMENT, Gilles (orgs). **Transgênicos para quem?** Agricultura, Ciência e Sociedade. 1ª. Ed. Brasília: Série NEED Debate 24, 2011, p. 64-67.

GREENPEACE. **Transgênicos: perigo para a agricultura e a biodiversidade**. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/transgenicos/>. Acesso em: 09/07/2015

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/11897>. Acesso em: 14/06/2015

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan; Análise de conteúdo em jornalismo. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008, p. 123-141.

IDEC, Instituto Brasileiro de Defesa ao Consumidor. **Brasil já é o segundo maior produtor mundial de transgênicos**. Disponível em: <http://www.idec.org.br/em-acao/em-foco/brasil-ja-e-o-segundo-maior-produtor-mundial-de-transgenicos>. Acesso em: 08 jun.2015.

JUNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de conteúdo. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs) **Método e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: ed. Atlas, 2006, p. 280-304.

KOLLING, Patrícia; MACIEL, Everton. Tentativa de esclarecimento: Transgenia, mídia e agricultores. In: GIRARDI, Ilza Maria; SCHWAAB, Reges (org). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. 1. ed. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008, p. 461-478.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MARIUZZO, Patrícia. **Transgênicos dividem o continente europeu**. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252014000100007&script=sci_arttext
Acesso em: 24 nov. 2014.

NODARI, Rubens. Ciência precaucionária como alternativa ao reducionismo científico aplicado à biologia molecular. In: Zanoni, Magda; Ferment, Gilles(orgs). **Transgênicos para quem?** Agricultura, Ciência e Sociedade. 1ª. Ed. Brasília: Série NEED Debate 24, 2011, p 40-63.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



PRIMAVESI, Odo. A produção de alimentos colide com o ambiente porque sofre de avareza. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Jornalismo para iniciados e leigos: jornalismo para iniciantes e leigos.** 1ª Ed. São Paulo: Summus, 2004.

SÉRALINI, Gilles-Eric. Transgênicos, poderes, ciência, cidadania. In: Zanoni, Magda; Ferment, Gilles(orgs). **Transgênicos para quem?** Agricultura, Ciência e Sociedade. 1ª. Ed. Brasília: Série NEED Debate 24, 2011, p. 33-39.

TV BRASIL. **Caminhos da Reportagem:** Dez anos de transgênicos no Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GbheATuAGbo>. Acesso em: 15/06/2015.

TV CULTURA. Quem somos. Disponível em: <http://cmais.com.br/fpa/quem-somos>. Acesso em: 09/07/2015.

TV CULTURA. **Matéria de Capa:** Dez anos dos transgênicos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FVhn7kgfAlk>. Acesso em: 15/06/2015.

TV BRASIL. **Sobre a TV.** Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>. Acesso em: 09/07/2015.

Anexo

Exemplos da matéria “Caminhos da Reportagem”

Paulo Bracker	Professor da UFRGS	Fonte especializada	Em relação a CTNBio hoje, ela está com três processos da Dow Chemical relacionados a liberação de transgênicos de soja e milho, ligados a resistência ao herbicida 2,4-D que é muito mais tóxico.	Legislação	Contrário
			Segundo a ANVISA ele é muito tóxico, altamente tóxico. 2,4-D é um dos componentes laranja utilizado na Guerra do Vietnam.	Político	Contrário
			Ele tem então um potencial muito mais tóxico do que o glifosato, justamente porque o glifosato não está mais dando	Ambiental	Contrário

			conta do combate as chamadas ervas daninha.		
Mario Van Zuben	Diretor de relações institucionais da Dow	Fonte oficial	<p>2,4-D é um herbicida que vem sendo utilizado na agricultura brasileira e mundial há mais de 60 anos.</p> <p>Então ele vem sendo avaliado e reavaliado pelas mais diferentes agencias regulamentadoras ao redor do mundo.</p> <p>Nós temos um número enorme de agências que são extremamente criteriosas. Assim como é o processo aqui no Brasil, outros países também têm agencias extremamente criteriosas.</p>	<p>Histórico</p> <p>Científico</p> <p>Científico</p>	<p>Neutro</p> <p>Neutro</p> <p>Favorável</p>
Anselmo Henrique	Procurador da	Fonte oficial	O que determina a constituição? Que	Política	Neutro

Cordeiro Lopes	República		a democracia seja cumprida. Que a população seja ouvida. Que os direitos humanos sejam respeitados. Que haja cuidado e cautela para com a saúde pública e para com o meio ambiente. Essas são as pautas do Ministério Público. Nós estamos aqui para realmente verificar se os direitos estão sendo lesados.		
Karen Friedrich	biomédica da Fiocruz	Fonte oficial	Alguns estudos apontam efeitos danosos e preocupantes do 2,4-D.	Científico	Contrário
Leonardo Melgarejo	Representante do MDA na CTNBIO	Fonte oficial	De 2010 para cá são muitas as evidências de problemas teratogênicos, carcinogênicos, de problemas de formação neurológica, problemas nos rins, problemas hormonais de	Saúde	Contrário

			<p>uma maneira geral. Então o que nos deveríamos estar discutindo? É qual veneno que nós preferimos ter nos alimentos ou se nós temos alternativas mais viáveis para resolver o problema da alimentação?</p>		
--	--	--	--	--	--

Exemplos da grande reportagem “Matéria de Capa”

Valéria Grillo	Narração		<p>Em uma área remota do Panamá, quilômetros adentro da floresta tropical uma empresa norte americana faz a criação dos salmões geneticamente modificados.</p>	Científico	Neutro
			<p>Os estudos para o desenvolvimento do peixe transgênico começaram há 20 anos em uma</p>	Científico	Neutro

			<p>universidade da Islândia. O objetivo era fazer com que os animais crescessem mais rapidamente e assim pudessem chegar ao mercado em menos tempo.</p> <p>Para isso os cientistas ligaram o gene do salmão do Pacífico que se desenvolve em velocidade maior na espécie de salmão mais vendida hoje, a do Atlântico, além disso, o gene da Enguia foi introduzido na nova espécie, potencializando o efeito desejado. Como resultado os salmões alterados cresceram duas vezes mais rápido que os normais chegando ao tamanho de mercado em um</p>	<p>Científico tecnológico</p>	<p>Favorável</p>
--	--	--	---	-------------------------------	------------------

			<p>ano e meio ao invés do tempo natural de 2 anos e meio.</p>		
			<p>Apesar da reação em relação aos males que o peixe poderia causar, a agência americana que regulariza alimentos e remédios considerou que o consumo do salmão modificado era seguro para humanos e não causaria qualquer impacto significativo no meio ambiente.</p>	Saúde	Favorável
			<p>Foi a primeira vez que o órgão autorizou o consumo de um animal transgênico. Com a resolução o salmão pode ser o pioneiro entre outras 30 espécies de peixes que</p>	Saúde	Favorável



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

			<p>estão sendo estudadas.</p> <p>Grupos e entidades contrários a liberação do peixe consideraram a liberação prematura e equivocada que abre um perigoso precedente.</p>	Político	Contrário
--	--	--	--	----------	-----------